

Brizola vê sucessão “medíocre”

JOSÉ MITCHELL

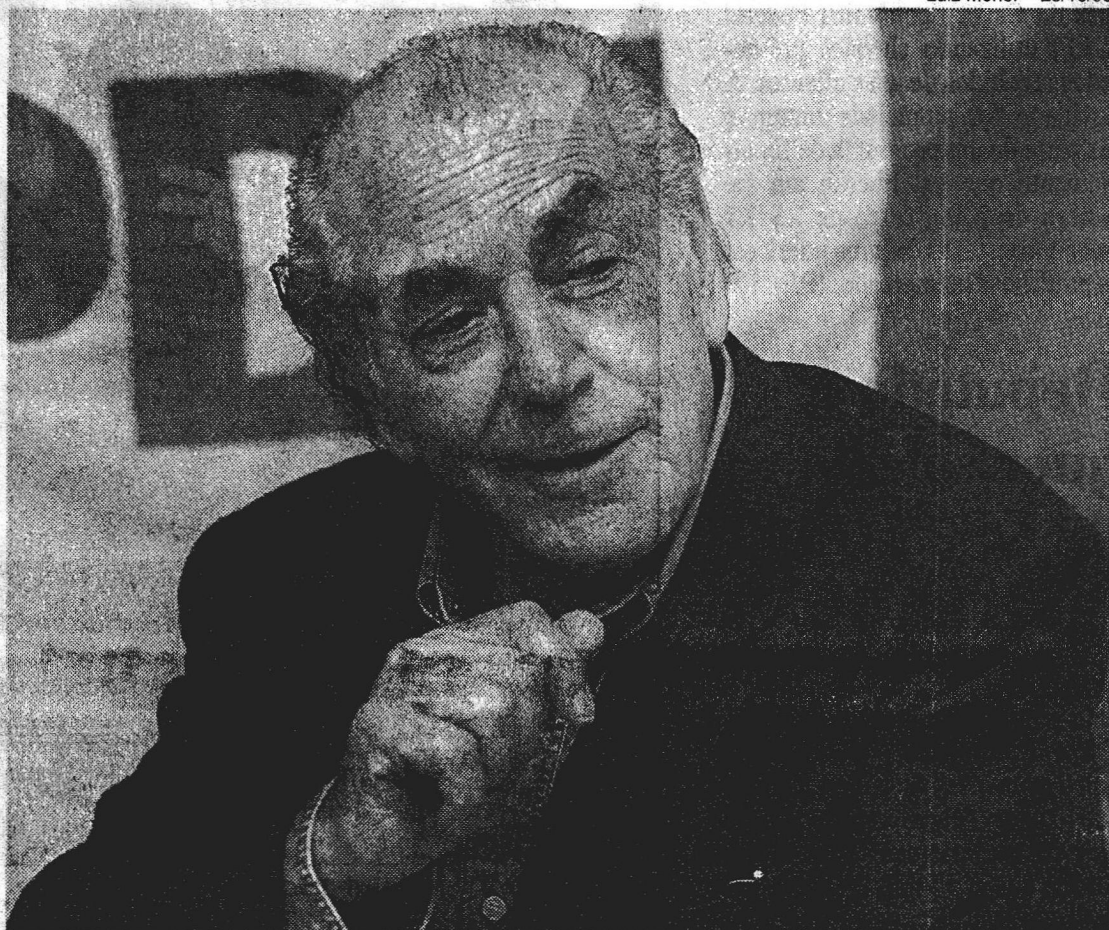
Luiz Morier – 25/10/99

PORTO ALEGRE – O presidente do PDT, ex-governador Leonel Brizola, disse ontem que o quadro da sucessão presidencial que está se desenhando “é medíocre” e que “em último caso talvez a gente termine apoiando o Lula para presidente, mas seria bom evitar uma quarta candidatura”. Brizola declarou ter concluído que não pode excluir seu próprio nome para a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 2002, enquanto se sentir “firme, com esta saúde e com uma mente na plenitude de sua lucidez”.

“Eu sou importante eleitoralmente para o partido”, acrescentou o líder pedetista, destacando que os companheiros da Frente Nacional das Oposições “têm que saber disso”. E enfatizou: “Quando vejo o Antônio Carlos Magalhães se refestelando, desfilando com aquele barrigão na passarela, carregando a mochila da ditadura nas costas... deixem comigo. Eu, que já tive meu quarto de hora na vida política brasileira, numa dessas eu vou ter que viver mais três minutos”.

Lula – O “quadro medíocre” da sucessão presidencial, ressaltou Brizola, “não se refere a pessoas”, mas à falta de algo que anime o povo brasileiro. “Em último caso vamos de Lula, que é um homem íntegro, um valor autêntico. Mas candidatar-se pela quarta vez...”, disse, referindo-se às três eleições presidenciais que Luiz Inácio Lula da Silva disputou pelo PT sem sucesso (1989, 1994 e 1998).

Brizola disse que seu relacionamento com o governador do



Brizola elogiou Lula, mas foi reticente a respeito de uma “quarta candidatura” do líder petista

Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, teve “alguns tropeços, mas nada de maior ou que represente qualquer tipo de ruptura”. Lembrou que Garotinho “subiu da prefeitura de Campos para um plano maior, de governador, de maior abrangência, onde tem que conviver com o PDT, suas lideranças e a liderança nacional”.

Segundo o líder pedetista, Garotinho precisa entender que ser governador “não significa colocar o partido embaixo do braço e ficar com tudo na mão” e que é necessário “cultivar uma convivência, um

jogo de freios e contrapesos para que a democracia funcione”. Brizola recordou que o PDT reclamava do excesso de centralização de Garotinho e de interferência no partido. “Agora ele pede que o deixem trabalhar. É justamente o que nós queremos: que governe, deixe o partido cumprir com suas missões e o partido também não interfira nos atos do governador. E tudo deve correr num sistema de cooperação. O partido é permanente, um governador é transitório”, ressaltou.

Crise – Para Brizola, o mais grave é a crise atual, em que o go-

verno federal demonstra “tal exaustão que não tem mais condições de tirar o país desta crise. É paradoxalmente está no começo do segundo mandato”.

A viagem hoje do presidente Fernando Henrique a Cuba e seu encontro com Fidel Castro é vista por Brizola como uma repetição da viagem que o então presidente Jânio Quadros fez a Havana, na década de 60. “Ele (Fernando Henrique) vai ver se encontra um Rio Jordão por lá, para se banhar e voltar dizendo que está purificado”, ironizou.

13 NOV 1999

JORNAL DO BRASIL